



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/02/2014 a 27/02/2014

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca²
Guilherme Gadonski de Lima³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/02/2014	13,70	455,80	40,95	6,09	4,53
24/02/2014	13,86	465,90	40,75	6,17	4,51
25/02/2014	13,99	469,60	40,58	6,15	4,55
26/02/2014	14,07	468,30	41,20	6,00	4,55
27/02/2014	13,93	464,00	40,90	5,82	4,48
Média	13,91	464,72	40,88	6,05	4,52

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	71,80	1,41
RS - Santa Rosa	71,40	2,15
RS - Ijuí	72,05	1,98
PR - Cascavel	66,75	0,15
MT - Rondonópolis	60,56	2,12
MS - Ponta Porá	63,50	1,93
GO - Rio Verde (CIF)	64,20	0,94
BA - Barreiras (CIF)	64,00	0,00
MILHO		
Argentina (FOB)**	208,80	2,55
Paraguai (FOB)**	145,00	2,11
Paraguai (CIF)**	180,50	3,44
RS - Erechim	26,50	0,76
SC - Chapecó	26,65	2,11
PR - Cascavel	26,25	6,06
PR - Maringá	26,60	4,93
MT - Rondonópolis	21,10	2,93
MS - Dourados	23,00	5,02
SP - Mogiana	31,30	8,30
SP - Campinas (CIF)	34,85	6,74
GO - Goiânia	26,55	5,99
MG - Uberlândia	28,45	4,60
TRIGO		
RS - Carazinho	620,00	5,80
RS - Santa Rosa	610,00	5,90
PR - Maringá	808,00	0,25
PR - Cascavel	788,00	0,25

*Período entre 21/02 e 27/02/14

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 27/02/2014

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,54	64,85	31,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,14
Feijão (saco 60 Kg)	132,30
Sorgo (saco 60 Kg)	20,23
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,06
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,85
Boi gordo (Kg vivo)*	3,98

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a subir fortemente nesta última semana de fevereiro, porém, na quinta-feira (27). O primeiro mês cotado chegou a ultrapassar, pela primeira vez depois de alguns meses, a marca dos US\$ 14,00/bushel, no dia 26/02, porém, fechou a quinta-feira (27) em US\$ 13,93. O mês de maio acabou fechando em US\$ 13,90/bushel. Apesar do recuo na quinta-feira, motivado por ajustes técnicos e pelo retorno das chuvas ao centro-sul brasileiro, o bushel ficou em valores bem mais elevados do que o final da semana anterior.

O mercado está olhando o curtíssimo prazo, ou seja, a quebra na safra sul-americana e a continuidade da demanda pelo produto dos EUA, mesmo com a entrada da colheita brasileira, que supera os 30% no momento. Com isso, tem ignorado os fundamentos baixistas que têm surgido de forma até consistente para o médio prazo.

Assim, quanto ao primeiro aspecto, as exportações semanais estadunidenses somaram 835.400 toneladas, quando o mercado esperava um máximo de 600.000 toneladas. Paralelamente, os números da colheita brasileira começam a confirmar nossos alertas e vêm mostrando uma redução mais importante na produção local. Safras & Mercado anuncia para este dia 28/02 um novo relatório de colheita, já considerando os problemas climáticos.

Nesse sentido, por exemplo, o Paraná avança, extra-oficialmente, uma quebra de 15% em relação ao esperado o que, somente aí, resultaria em menos dois milhões de toneladas na produção nacional. Ao mesmo tempo, o analista privado Oil World reduziu a estimativa de produção brasileira para 85 milhões de toneladas, confirmando nossas primeiras estimativas, as quais já estão superadas nesse momento, pois a quebra deve ser maior. Para complicar o quadro, no Mato Grosso, que ainda estava escapando dos problemas climáticos, agora enfrenta excesso de chuvas que vêm atrasando a colheita, podendo aí igualmente haver perdas na soja.

Como analisamos no boletim passado, o retorno das chuvas a partir de meados de fevereiro nas regiões castigadas pela estiagem no Brasil frearam a quebra mas dificilmente provocarão reversão do quadro de perdas até então ocorrido. E o mercado, finalmente, começa a contabilizar o prejuízo.

Soma-se a isso o fato de que a Argentina confirma que sua colheita deverá ficar mesmo em 53 milhões de toneladas, contra as 57 milhões inicialmente projetadas (chegou-se mesmo a falar de 60 milhões de toneladas em novembro de 2013). A seca impediu que se plantasse 20,8 milhões de hectares como o previsto no vizinho país. A área final teria ficado em 20,3 milhões.

Resta agora esperar a conclusão da colheita sul-americana para se ter um número exato da oferta regional. Nesse sentido, o mercado espera que o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10/03, leve em consideração o atual quadro sul-americano.

Quanto ao segundo aspecto (fundamentos baixistas no mercado), vale dizer que, por enquanto, a oferta sul-americana ainda seria superior a do ano anterior. Além disso, o Fórum Outlook do USDA, no último dia 21/02, confirmou uma futura supersafra nos EUA, caso o clima seja normal. O mesmo indicou um aumento de 3,9% na área de soja estadunidense, com a mesma passando a 32,2 milhões de hectares. Isso levaria a produção final do país norte-americano a superar as 96 milhões de toneladas, contra 89,5 milhões deste último ano. Os estoques finais dos EUA pulariam para 7,76 milhões de toneladas, contra os atuais 4,08 milhões. E, para completar, o preço médio em Chicago, que está sendo considerado em US\$ 12,70/bushel neste ano de 2013/14 (como se nota, atualmente Chicago está muito mais elevado do que isso, havendo portanto um potencial de baixa para os meses futuros já que o ano comercial se encerra em fins de agosto), deverá recuar para tão somente US\$ 9,65/bushel em 2014/15 (cf. Safras & Mercado). Para se ter uma ideia do que isso significa no mercado gaúcho, por exemplo, tal preço em Chicago, mesmo a um câmbio ao redor de R\$ 2,50 no próximo ano comercial (nesse momento ele está em R\$ 2,33), colocaria o saco de soja no balcão, em safra normal, em apenas algo em torno de R\$ 43,00 na colheita de 2015.

Vale lembrar que a intenção de plantio do produtor dos EUA somente sairá no dia 31/03.

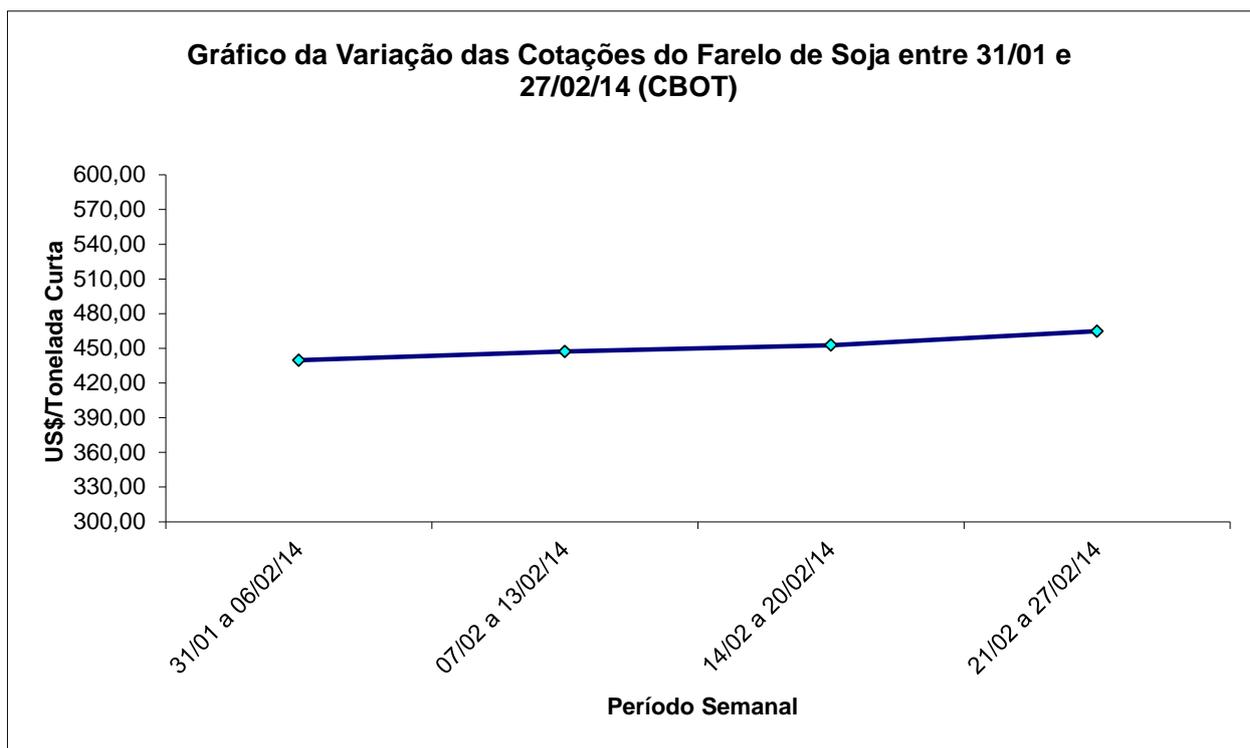
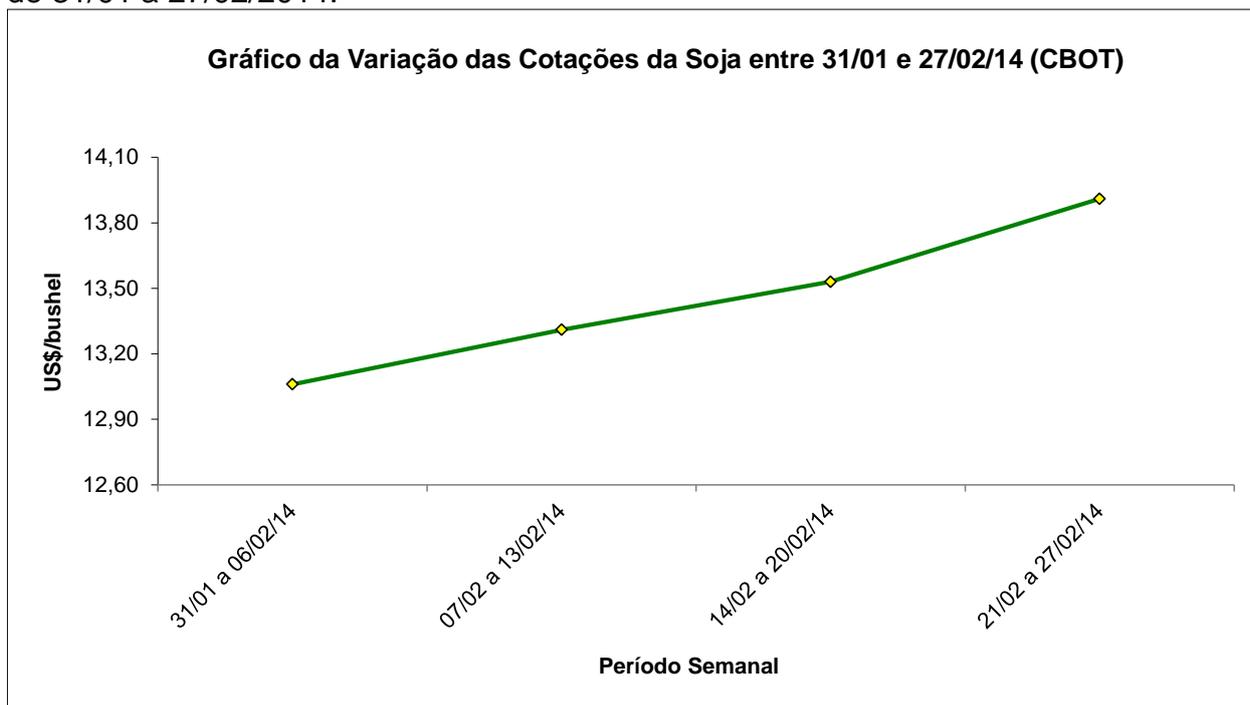
Pelo lado da demanda, a economia chinesa igualmente continua dando sinais de freada, embora a renda per capita, em 2013, tenha subido 8% em média (US\$ 2.993,00/pessoa). O índice que mede a atividade industrial do país asiático recuou para 48,3 pontos em fevereiro, sendo o menor em sete meses. Um valor abaixo de 50 pontos sugere retração da atividade.

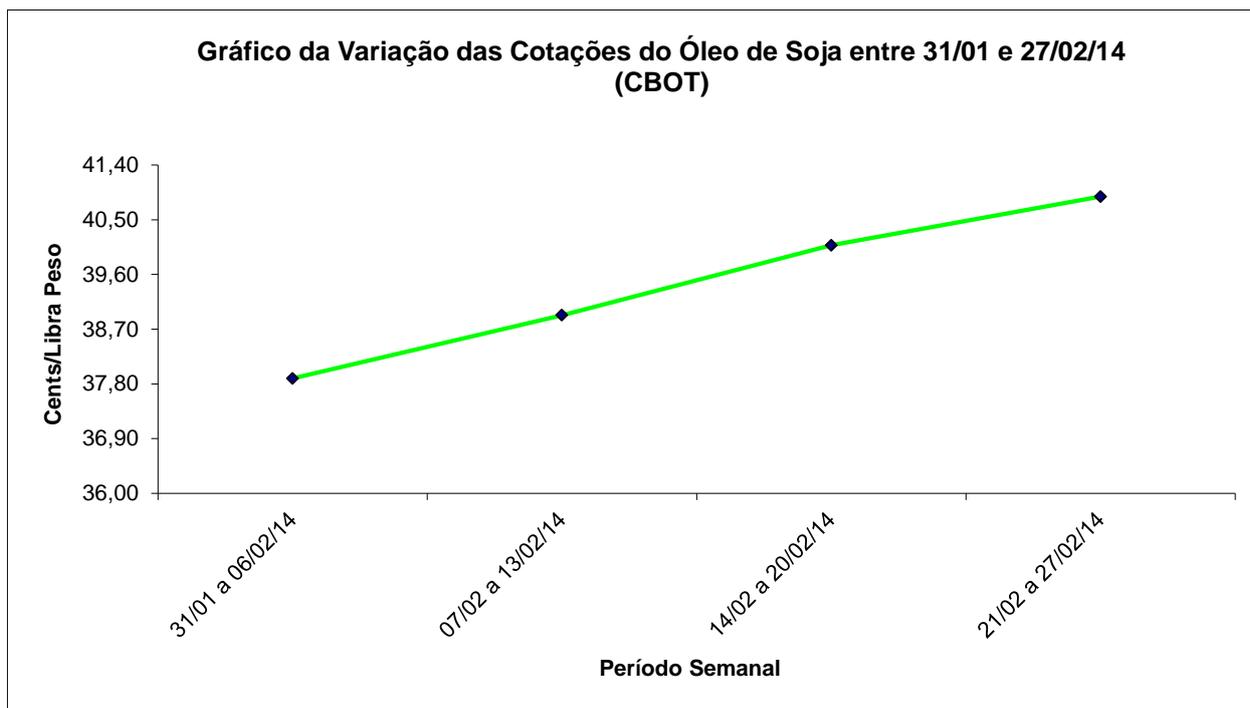
Nesse contexto, os prêmios no Brasil, para fevereiro, ficaram entre 8 e 45 centavos de dólar por bushel. Já no Golfo do México (EUA) os mesmos oscilaram entre 80 e 87 centavos, enquanto na Argentina (Rosário) ficaram entre 13 e 35 centavos de dólar.

Enquanto isso, no Brasil, mesmo com um câmbio recuando para R\$ 2,33 no final desta última semana de fevereiro, os preços da soja voltaram a subir, sob efeito de Chicago. O balcão gaúcho, onde a colheita ainda está um tanto longe, alcançou a média de R\$ 64,85/saco. Já os lotes ficaram na média de R\$ 71,40 a R\$ 72,05/saco. Nas demais praças, a semana fechou com os lotes girando entre R\$ 54,00/saco em Sinop (MT) e R\$ 68,30/saco no norte do Paraná. Nota-se que, diante dos problemas climáticos atuais, os preços se elevam inclusive onde a colheita se realiza. O problema é que, dependendo das perdas a serem contabilizadas, a melhoria do preço, como sempre, não compensará a quebra da safra.

Assim, enquanto o mercado espera o resultado final da colheita sul-americana e o número de área a ser semeada nos EUA não sair definitivamente, a tendência de alta continua. Isso deve durar até fins de março. Depois disso, deverá haver uma acomodação dos preços e até mesmo um recuo nas cotações externas. Salvo se a quebra sul-americana em geral e brasileira em particular for muito superior ao que, no momento, se está anunciando. Ou ainda se o clima nos EUA começar a dar problemas igualmente.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 31/01 a 27/02/2014.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ficaram de estáveis a mais baixas nesta última semana de fevereiro. O fechamento do dia 27/02 foi de US\$ 4,48/bushel. Essa realidade, em contraste com o movimento altista da soja, leva o mercado a reforçar o sentimento de que a nova área a ser semeada com milho, nos EUA, será bem menor em favor da oleaginosa.

Nesse sentido, o Fórum Outlook do USDA (espécie de prévia do que virá no novo ano agrícola estadunidense e, sobretudo, na intenção de plantio nos EUA, a ser anunciada no dia 31/03) indicou uma produção de milho de 355,3 milhões de toneladas em 2014/15 nos EUA. Um volume um pouco acima do registrado neste atual ano comercial (colheita realizada entre setembro e novembro passados). Obviamente, isso tudo em clima normal já que a área semeada tende a ser menor.

Dito isso, por enquanto os preços externos do cereal se sustentam pela boa exportação, já que os prêmios no Golfo do México estão elevados. Além disso, surgem maiores preocupações com a quebra de safra no Brasil e na Argentina (colheita de verão em andamento no momento nos dois países).

Vale destacar que diante da grande oferta mundial de milho, um aumento em Chicago pode levar a uma redução da demanda pelo milho estadunidense. Tanto é verdade que, contrariamente à soja, as exportações dos EUA, na semana que passou, ficaram em discretas 792.000 toneladas.

Nesse contexto, os preços da tonelada FOB na Argentina e no Paraguai fecharam o mês de fevereiro em US\$ 212,00 e US\$ 145,00 respectivamente. Nota-se que o preço na Argentina vem subindo sistematicamente nas últimas semanas.

Já no Brasil, diante das perdas na safra de verão e das dificuldades no plantio da safrinha (o retorno das chuvas no Centro-Oeste deve acelerar tal plantio nos próximos dias), os preços do milho continuaram firmes.

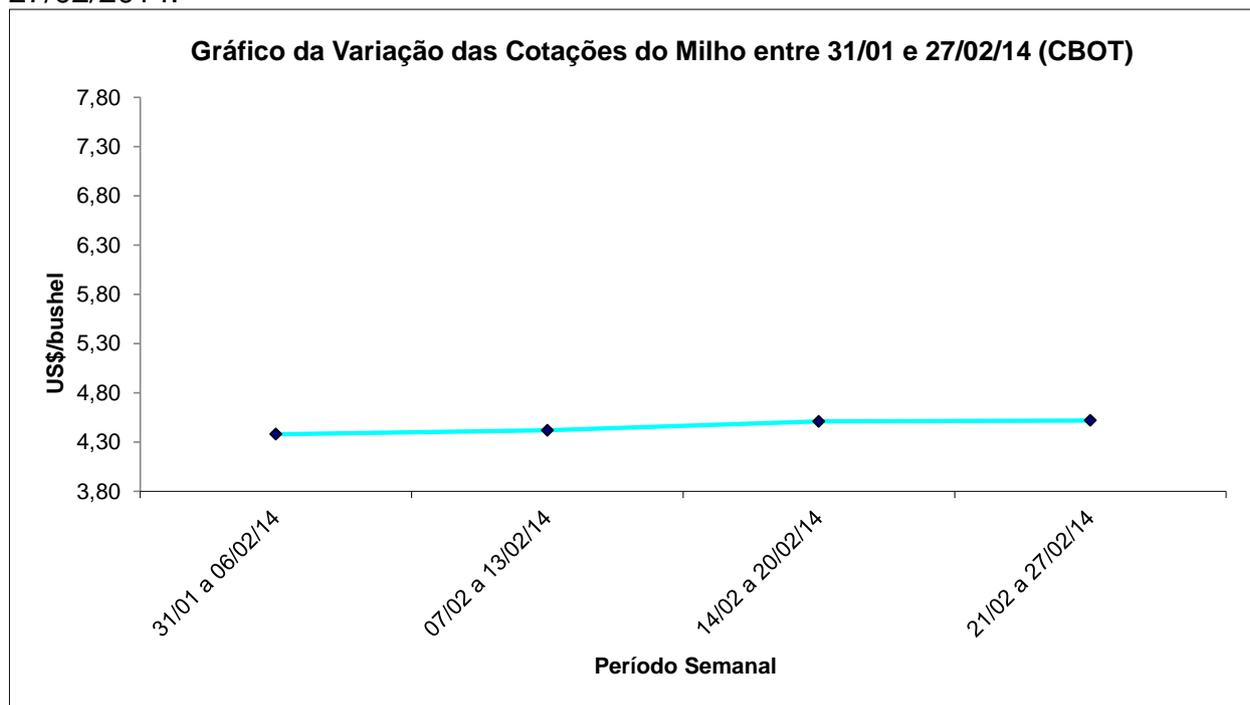
O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 23,54/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 25,00 e R\$ 26,50/saco. Nas demais praças os lotes giraram entre R\$ 17,00/saco no nortão do Mato Grosso e R\$ 27,00/saco em Concórdia (SC).

Pontualmente, durante a semana, segundo Safras & Mercado, em Goiás o milho safrinha esteve cotado entre R\$ 19,00 e R\$ 20,50/saco para entrega em julho, havendo vendedores trabalhando com preços acima destes níveis. No disponível, a região de Rio Verde opera a R\$ 24,50/saco na venda neste final de fevereiro. No Rio Grande do Sul já compradores a R\$ 30,00/saco no porto, porém, com poucos vendedores. No interior, os compradores ainda resistem a pagar R\$ 27,00/saco. No nortão do Mato Grosso, a safrinha trabalha com valores entre R\$ 13,00 e R\$ 14,00/saco, porém, sem ofertas. Em Minas Gerais, milho seco indicado a R\$ 28,00/saco na região do Triângulo Mineiro. É importante destacar que o mercado interno brasileiro espera que a partir de maio a oferta surja com mais força e os preços comecem a recuar (muito irá depender do andamento da safrinha e do ritmo das exportações nacionais). Além disso, resta verificar se o produtor rural estará disposto a vender milho abaixo de R\$ 30,00/saco nos lotes diante da confirmação de quebra na safra nacional do cereal.

Sobre as exportações, os embarques de milho acumulavam, até o início desta última semana de fevereiro um total de 832.800 toneladas no mês.

A semana terminou com as importações, no CIF indústrias brasileiras, para fevereiro, valendo R\$ 39,80/saco para o produto dos EUA e R\$ 37,22/saco para o produto oriundo da Argentina. Para março, o produto argentino ficou em R\$ 38,35/saco. Quanto às exportações, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 27,80/saco para fevereiro; R\$ 28,02 para março; R\$ 27,74 para abril; R\$ 28,31 para maio; R\$ 28,72 para junho; R\$ 29,88 para julho; R\$ 29,17 para agosto; e R\$ 29,42/saco para setembro. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 31/01 a 27/02/2014.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram durante a semana, fechando a quinta-feira (27) em US\$ 5,82/bushel, contra US\$ 6,00 na véspera e US\$ 6,20 no dia 19/02.

O Fórum Outlook do USDA apontou que a área a ser semeada com trigo nos EUA, no ano 2014/15, será de 22,5 milhões de hectares, contra 22,7 milhões em 2013/14. Mesmo assim, o preço médio ao produtor estadunidense, no novo ano comercial, deverá recuar para US\$ 5,30/bushel, contra um valor entre US\$ 6,65 e US\$ 6,95/bushel calculado para 2013/14. A intenção de plantio a ser anunciada no dia 31/03 dará um norte a essas projeções.

Enquanto isso, as vendas líquidas de trigo, por parte dos EUA, para o ano 2014/15 (início em 1º de junho), atingiram a 67.000 toneladas na semana encerrada em 13/02. Já as vendas relativas ao ano 2013/14 somaram 424.488 toneladas na mesma semana, sendo o Japão o principal comprador com 148.400 toneladas. No acumulado do ano comercial 2013/14 (início em 1º/06/2013) as vendas líquidas somam 21,9 milhões de toneladas, representando uma elevação de 27% sobre o ano anterior. Por sua vez, as inspeções de exportação norte-americanas de trigo somaram 427.239 toneladas na semana encerrada em 20/02, sendo 30.000 toneladas ao Brasil. No acumulado do atual ano comercial as inspeções somam 23,3 milhões de toneladas, contra 18,8 milhões em igual período do ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, o Canadá, depois de assistir a um aumento de 200% nos seus estoques finais de trigo em 2014 (11,8 milhões de toneladas), aponta para uma redução de 6%

na área semeada do cereal para 2014/15. Com isso, a produção do país poderá recuar para 29,3 milhões de toneladas ou 22% em relação a 2013/14.

Já na Argentina, a produção final de 2013/14 foi reajustada para cima, ficando agora oficialmente estimada em 9,2 milhões de toneladas sobre 3,65 milhões de hectares semeados. Quanto ao Uruguai, o mercado permanece sem grandes negócios, tendo o Brasil importado 225.109 toneladas entre dezembro e janeiro passados. O consumo interno uruguaio sendo de 400.000 a 450.000 toneladas, o saldo exportável do vizinho país sulino estaria em um milhão de toneladas neste restante de ano comercial. Como no caso brasileiro, o problema será espaço portuário para tais exportações no momento em que a soja entra no mercado.

No Mercosul, a tonelada de trigo pouco variou de preço neste final de fevereiro. O Up River argentino ficou em US\$ 338,00/tonelada, enquanto em Necochea o valor esteve em US\$ 330,00. Já em Baia Blanca a tonelada foi cotada a US\$ 345,00 para a venda, embarque em março. O governo argentino ainda não liberou os embarques de um milhão de toneladas de trigo autorizadas para exportação. Espera-se que a mesma saia na segunda quinzena de março. (cf. Safras & Mercado)

Paralelamente, no Brasil os preços se mantiveram reduzidos, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 31,63/saco, enquanto os lotes estiveram entre R\$ 600,00 e R\$ 610,00/tonelada no início da semana e R\$ 620,00 e R\$ 630,00/tonelada no final da mesma. Nesse último caso correspondendo a R\$ 37,20 e R\$ 37,80/saco. Tais preços estão 6,1% acima da média de janeiro. Isso oferece um alento aos produtores, confirmando a expectativa de que aos poucos o mercado deva valorizar mais o produto gaúcho. Todavia, se por um lado os produtores estão sem interesse em vender a tais preços, os moinhos se mostram abastecidos, na expectativa da entrada da nova safra argentina. Além disso, a pequena valorização do Real durante esta semana ajuda a melhorar a competitividade da importação. Já no mercado paranaense, onde 90% da safra já teria sido negociada, o preço da tonelada FOB esteve em R\$ 780,00 (R\$ 46,80/saco). Vale destacar que, das 3,1 milhões de toneladas produzidas pelo Rio Grande do Sul, 200.000 foram vendidas para o Norte/Nordeste; 50.000 para São Paulo; 90.000 para Santa Catarina e 350.000 toneladas para o Paraná. Sendo o consumo estadual da ordem de 1,45 milhão de toneladas no ano todo, o Estado ainda precisa escoar 1,01 milhão de toneladas da safra atual. Como as exportações para fora do país não estão viáveis, sobra o mercado interno (cf. Safras & Mercado).

Nesse sentido, surpreende o fato de que o primeiro levantamento de plantio 2014/15 indique um aumento de área de 6,3% no Estado gaúcho. O mesmo somente se explica pela falta de alternativa de inverno ao produtor e pelo fato de que, apesar do forte recuo nos preços, o valor atualmente praticado não é tão ruim assim em termos médios. Já no Paraná, onde os preços estão bem mais elevados, o incremento de área seria de 10%. Com isso, em clima normal, a produção nacional em 2014 poderá chegar ao recorde de 7,3 milhões de toneladas sobre uma área total de 2,5 milhões de hectares. A área paranaense subiria para 1,17 milhão de hectares enquanto a gaúcha chegaria a 1,1 milhão (cf. Safras & Mercado). Em isso se confirmando, a tendência é de preços bem mais baixos para o trigo no final do corrente ano, já que o mercado externo não indica recuperação dos baixos preços atuais.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 31/01 a 27/02/2014.

